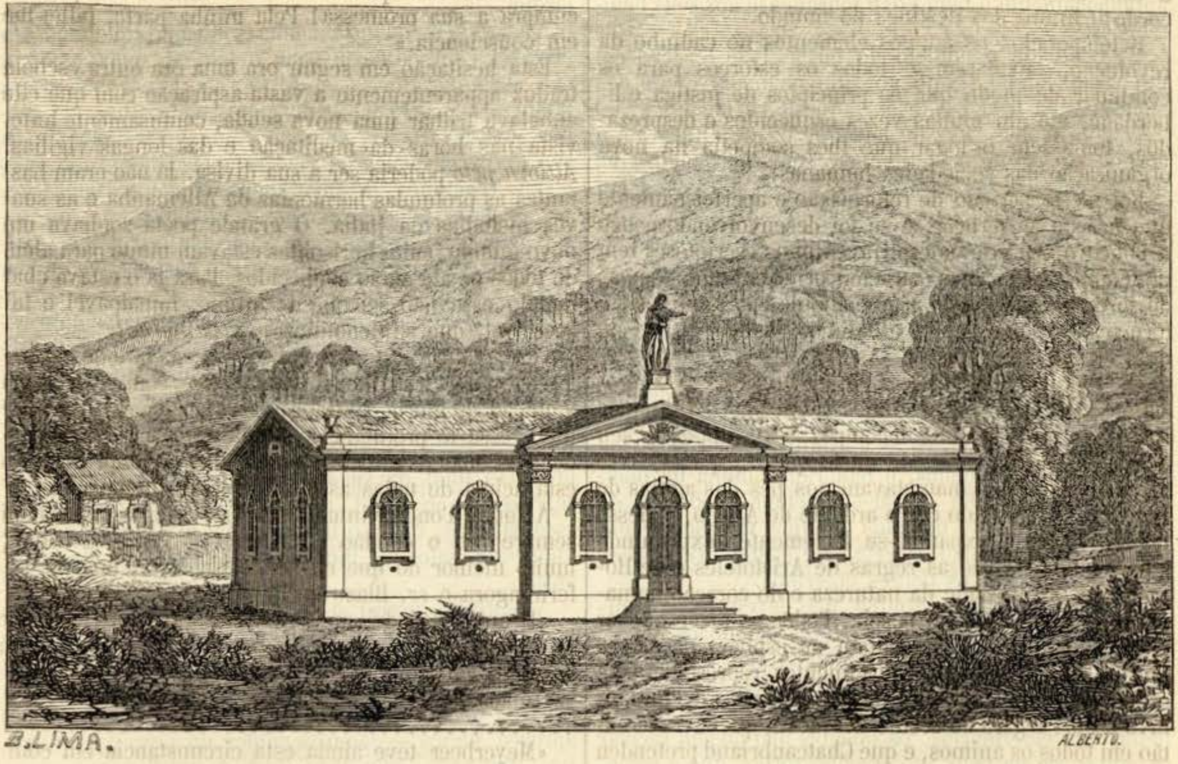


Hospital de S. João, na villa da Louzã, segundo um esboço do sr. Fernandes Thomaz Pippa

A gravura que apresentámos representa o hospital de S. João, na villa da Louzã, como ha de ficar quando se concluirem as obras inauguradas após a ceremonia da collocação da pedra fundamental, de que tratámos em o n. 16 d'este volume. Digamos algumas palavras ácerca da sua creação.

O fundador d'este pio instituto é o sr. João Elizario de Carvalho Montenegro, cavalheiro bem conhecido pelo seu acrisolado patriotismo e pela sua extraordinaria philanthropia [1]. Estando em 1856 no Rio de Janeiro, escreveu o sr. Montenegro a seu irmão, o sr. dr. José Daniel de Carvalho Montenegro, sobre a nobre idéa de fundar na villa natal um estabelecimento para os enfermos pobres, e sobre os meios com que contava para colligir os necessarios fundos para a sustentação do novo instituto pio, recorrendo á caridade dos nossos compatricios residentes no imperio do Brasil, e á propria bolsa, que, como é notorio, nunca se fecha para acudir á miseria.

O sr. dr. José Daniel, que era então provedor da misericordia da Louzã, recebeu com alvoroço a idéa humanitaria de seu irmão, e, convocando a mesa da misericordia, fez com que esta para logo participasse dos mesmos sentimentos. Foi então nomeada uma commissão no Rio de Janeiro, de que ficaram sendo membros os srs. João Elizario e José Antonio de Carvalho, tambem natural da Louzã. Em seguida o zeloso provedor da misericordia expoz ao governador civil do districto, que era n'aquella epocha o sr. general Maldonado, o que desejavam crear na villa em beneficio das classes pobres, e pediu que fosse officialmente nomeada uma commissão composta de cavalheiros influentes, de boa posição social e residentes na Louzã, a fim de solicitar donativos na villa, receber os que devia colligir e enviar a commissão do Brasil, e dirigir a edificação do hospital assim que houvesse fundos para isso. A auctoridade superior do districto attendeu immediatamente o pedido, e a nomeação da commissão local não se fez esperar.

Mas, occorrendo a morte de um dos vogaes, e a saída de outros para fóra do concelho, a commissão ficou mui limitada e quasi sem funccionar, até que, em dezembro de 1865, o sr. dr. José Daniel, pezaroso de que os trabalhos preliminares não se desenvolvessem como era de esperar, e como anciosamente desejava o fundador, que não deixava de repetir as instancias para incitar os animos que pareciam arrefecer em tamanha obra, representou novamente ao governador civil, que era o sr. D. João Pedro da Camara, ácerca da necessidade e conveniencia de dissolver a commissão creada por alvará de 16 de junho de 1856, e nomear outra, o que effectivamente se verificou por alvará de 23 de dezembro de 1865.

Installada a nova commissão, e sabendo-se já que havia no Brasil uma quantia superior a 3:000$000 réis, moeda forte, sendo a maior parte devida aos incançaveis esforços do sr. João Elizario de Carvalho Montenegro, começaram os trabalhos da edificação, mandando-se fazer o risco, que foi confiado á provada habilidade do sr. João Pedro Fernandes Thomaz Pippa, e este cavalheiro desempenhou-se do honroso encargo como se vê da gravura e da descripção que ao diante fazemos.

Desde então os membros da commissão mostraram que os animava o mais vivo enthusiasmo para dotarem a villa da Louzã de tão bello instituto pio, e não esfriaram no seu proposito. Aproveitando a vinda á patria do sr. João Elizario, prepararam tudo para a ceremonia da collocação da pedra fundamental, a fim de que podesse verificar-se no dia 24 de junho, pelas razões que indicámos quando em o n. 16, já citado, démos a competente gravura de tão sympathica, popular e memoravel solemnidade. Ainda nos recordâmos agradavelmente d'esta festa, pelas impressões que

1 Ao sr. Montenegro deveu ha pouco tempo a Louzã, como as gazetas diarias registaram, a fundação do «Instituto de D. Luiz I promotor de instrucção primaria», com aula nocturna frequentada actualmente por 70 alumnos menores e adultos, e uma bibliotheca popular com 500 volumes.

nos deixou, pela sincera alegria que vimos nos cavalheiros que n'ella foram personagens principaes, e pelos testimunhos de gratidão que parecia querer dar anticipadamente o bom povo louzanense aos seus bemfeitores.

Está situado o edificio do hospital de S. João em um vasto campo, junto ao sitio chamado Fonte dos Moiros. Olha pela frente ao noroeste, e mede 24^{m},80 de comprimento, 11^{m} de largura, 6^{m} de altura até á cornija, e 7^{m} até á platibanda. Tem seis janellas na frente, seis na parte posterior e tres de cada lado, dezoito janellas ao todo, e todas de archivolta.

A divisão interna do edificio é a seguinte: enfermaria para homens, podendo conter 22 camas; enfermaria para mulheres, podendo conter 6 a 9 camas; gabinete para a direcção do hospital; um quarto para o enfermeiro e outro para a enfermeira; gabinete para operações; sala para convalescentes; casa de arrecadação; dois quartos para criados; cozinha, contigua mas separada do edificio, no centro e parte posterior d'este.

No alto do edificio vê-se a estatua da caridade. Foi lembrança do fundador, e lembrança digna de menção, pois não podia coroar-se melhor o hospital do que com o symbolo da mais sublime virtude christã, e por effeito da qual se erigira e sustentava aquelle santo abrigo para os pobres enfermos.

Encarregar-se-ha da estatua, que deverá ser de marmore, um dos melhores esculptores nacionaes.

O systema de ventilação adoptado pelo sr. Fernandes Thomaz Pippa é mui simples e adequado á dimensão do edificio. Na construcção especial das janellas das enfermarias, os doentes não podem receiar os golpes de ar nem as correntes fortes, que a sciencia conseguiu evitar com o fim de não exacerbar nem accrescentar as enfermidades. Tudo isto foi previsto pelo habil architecto, que se dedica a esta profissão por curiosidade, mas em cujo desempenho tem merecido sempre o applauso dos peritos.

Como o hospital tem que viver, para o dizer assim, exclusivamente de esmolas nos primeiros tempos, pois que não chegará desde logo o rendimento do fundo permanente, ou a dotação angariada pelo esforço do seu desvelado fundador e protector, as despezas hão de limitar-se ao absolutamente indispensavel, e assim o pessoal remunerado não passará de um enfermeiro, uma enfermeira, um cozinheiro, uma criada e um criado, exercendo este, provavelmente, as funcções de porteiro, e o enfermeiro as de fiel e escripturario para o registo do movimento de entrada e saida, e de despeza diversa quotidiana. A escripturação geral pertencerá, no livro diario, ao director de serviço, e no da caixa ao thesoureiro da direcção. Cremos que isto não está ainda definitivamente regulado, mas virá por certo a regular-se assim.

Haverá parcimonia, a mais rigorosa economia em todas as despezas, mas para que nada falte aos doentes, que a má sorte, ou o desamparo da familia, levar á porta do hospital, e que devem alli encontrar tudo o de que carecerem — e até a familia, no affecto, no carinho e na solicitude dos membros da direcção.

Os soccorros medicos e os pharmaceuticos serão nos primeiros tempos gratuitos, beneficio offerecido bizarramente por dois cavalheiros pertencentes á commissão.

A inauguração do hospital poderá verificar-se no fim do anno de 1867, pois se conta que para essa epocha estarão concluidas as obras. O edificio custará cinco ou seis contos de réis, moeda forte.

O terreno em volta do hospital, que pertence a este e não é occupado pelo edificio, será graciosamente arborisado e ajardinado, não obstante se verem em todo o campo innumeras oliveiras, como a gravura o está mostrando. Os enfermos convalescentes, e os que possam sem perigo aspirar o ar livre, gozarão a magnifica vista que lhes offerece o campo e a serra perdendo-se entre as nuvens, que parece sairem-lhe do seio em alvissimos rolos, e ao mesmo tempo cobrarão animo e forças nos suaves perfumes das flores do jardim.

Vê-se, pela quantia acima indicada, que não era possivel com ella construir o edificio nem acudir á sua sustentação. A commissão da Louzã não podia tambem no curto lapso de anno, pouco mais ou menos, apesar da boa vontade com que trabalha, e da sua louvavel dedicação pelo estabelecimento pio, não podia, repetimos, arranjar todos os meios. Que se havia de fazer pois? Recorrer ao fundador. No que todos pensavam, porque era importante e grave, pensava elle egualmente. Podia acaso esquecer-se da sua obra querida?

Quando lhe fallaram nos receios de que podiam escassear os recursos pecuniarios para o acabamento do hospital e para a sua existencia, disse o sr. Montenegro que estivessem descançados porque elle trataria de tudo, e communicou logo que pensava em publicar um livro dedicado ao hospital, e que esperava com o producto total da venda dos exemplares, assim que regressasse ao Brasil, auxiliando-o n'isso os amigos e compatricios, dotar o hospital com um fundo que desvaneceria todos os receios pela existencia d'este instituto.

A singella narração d'este facto cremos que é o maior elogio que se póde fazer ao procedimento do sr. Montenegro. E ainda assim, esperâmos da extrema benevolencia do fundador que nos perdoará o termos referido particularidades que o seu nobre caracter não apregoa nunca — como seguidor do preceito evangelico. Mas, por outro lado, bom é que fiquem registadas acções que podem e devem ser seguidas, porque são exemplares.

Escreve-se e publica-se, com effeito, o livro. Escreve-o o sr. Pinheiro Chagas, e publica-o á sua custa o sr. João Elizario de Carvalho Montenegro.

Quando, d'aqui a pouco, for distribuida esta obra, a pessoa que a comprar adquirirá ao mesmo tempo o direito de dizer:

—Vêem este livro? Indica que eu tambem contribui para a fundação do hospital da Louzã. Comprei uma obra que me dá instrucção e me recreia, e pratiquei um acto de caridade. Digo isto com prazer!

E nós poderemos accrescentar:

—Abençoados sejam os que tal fizerem e disserem! Quem se negará, pois, a comprar o livro [1]?

Concluindo: a commissão da Louzã [2] continúa a trabalhar para que as obras da edificação do hospital progridam, e para que se aplanem as difficuldades que sobrevenham. Chegando ao conhecimento do governo de sua magestade a dedicação de tão prestantes cidadãos n'aquella obra tão meritoria, em portaria do ministerio do reino, datada de 5 de outubro de 1866, foram elogiados e incitados para não afrouxarem no seu intento. Serão os esforços de todos coroados do melhor resultado, e a Louzã será dotada com um estabelecimento pio de summa importancia, que prestará optimo serviço aos pobres da localidade, e porventura aos das localidades circumvisinhas, porque os que implorarem aquelle auxilio não serão desamparados. Este é um dos desejos do instituidor; este o espirito da instituição: e este, de certo, o animo caridoso dos cavalheiros que dirigirem o hospital.

B. A.

[1] O livro a que nos temos referido é um romance intitulado *O peregrino*, que o nosso estimado e distincto collaborador, sr. Pinheiro Chagas, está escrevendo, e que em breve se imprimirá. Parte da acção d'este romance passa-se na Louzã e parte no Brasil. Para que a fabula tenha um lado verdadeiramente util, como a publicação da obra, prende ella com certos assumptos de alto interesse humanitario e social, que o auctor trata e desenvolve com as galas do seu estilo brilhante e vigoroso. Acompanhará tambem este livro, como introducção, uma poesia do sr. Thomaz Ribeiro.

[2] Os nomes dos cavalheiros que compõem esta commissão encontram-se a pag. 125 d'este volume.

HORROR!

(CONTEMPLAÇÃO DE VICTOR HUGO)

I

Mysterioso espirito que passas
Co'o dedo sobre os labios, não me fujas!
Falla ao homem feroz, ebrio de sombra
E immensidade; falla-me, alva face
Que te inclinas por sobre a minha noite;
Oh! responde-me tu que como um sôpro
Da claridade brilhas e caminhas
À sombra da ramagem.

És esse, a quem ao lar a meia-noite
Por vezes me conduz? És tu quem tanto
À porta me batia, uma das noites
Passadas, em que a insomnia me agitava?
É para mim que emanam teus fulgores?
Ah! do meu liminar a tosca pedra
É talvez o primeiro dos sombrios
Degraus do passamento.

Talvez á minha porta é que começa,
Passagem dando para a sombra immensa,
A escada das trevas invisivel.
Talvez, quando subis a espiral fria
E tacitos surgis do horror das tumbas,
Ó fugitivos pallidos, ó mortos,
À minha mansão triste e abandonada
É que vindes bater!

Pois que a mansão d'exilio, confundida
Co'as catacumbas, aos funereos muros
Da cidade dos tumulos se encosta.
O proscripto infeliz é o que sae.
Qual nave que sossobra, erra e fluctua
Absorto. O dia a custo o enxerga e brada:
Que sombra é esta? E a noite balbucia:
Que morto será este?

Ó sombra, ó minha irmã, sê pois bem-vinda!
Imagem que me acenas quando curvo,
Sinistro e só contemplo o obscuro enigma,
E que, até á medulla horrorisando-me
Co'o resplendor do teu clarão sublime,
Vens com um panno da mortalha tua
Compassiva enxugar em minha fronte
Os suores do abysmo.

II

Oh! quanto é negro o pego e a vista debil!
O immovel silencio ante nós dorme.
Quem somos? onde estamos? Deveremos
Chorar ou rir á taça dos prazeres?
Os que aqui encontrâmos prestes passam.
A lei? é para nós desconhecida.
A excoriação dos seus joelhos
A prece nol-a mostra.

Donde vens tu? — Não sei. — Qual o teu rumo?
— Ignoro-o. — Ao homem assim falla o homem,
E a onda ao escarcéo. Tudo se move,
Avança, retrograda, illude e foge.
Por vezes, todos nós, homens, mulheres,
Desmaiámos, bem como se sentíramos
Fechar-se a dextra da gigante noite
Por sobre nossas almas.

A frecha vôa e a sombra o alvo envolve.
O misero mortal é arremessado...
Por quem e para quem? No invisivel.
Silva nos ares o arco tenebroso.
Vendo aquelles que amâmos dissolverem-se
Em nossos braços, tristes perguntâmos
Se para o raio morte é que foi feito
O relampago vida.

Dubios viventes que a mortalha veste,
Perguntâmos se o tumulo profundo
Que aos pés se nos entreabre — abysmo, esp'rança,
Grato asylo ou parcel — o firmamento
Não é d'aureas estrellas aljofrado,
E se esses tachões d'oiro que enxergâmos
No ceo das noites não serão os lugubres
Tachões do nosso esquife!

Assim vivemos. Rangem nossos dentes,
Nossas vertebras fremem; dir-se-hia,
Ó terror! que por vezes escutâmos
Nas trevas o rumor de crebros passos.
Noite, que é o tufão? — Alguem que passa.
E os sombrios frisões do mudo espaço
Ouvimos resfolgar, tirando indomitos
Um carro que não vemos.

N'uma unica idéa a sombra absorta
Parece. A agua suspira, e a floresta
De estranho calefrio assalta o espirito.
Nas brumas, para as quaes tudo declina,
Tudo então nos parece illuminado
Do brilhante reflexo que despede
Da grandiosa lapida alvejante
Portentoso sepulchro!

III

A coisa para a coisa é um problema,
E para o ser é esphinge o ser. Ao dia
Morena se lhe antolha a aurora, e o raio
Julga negro o relampago fulgente.
Na creação crepuscular e vaga,
De luz sinistra eternamante tinctos,
Entre si os objectos espantados
Se tomam por espectros.

Ignora a cinza o que medita o marmore;
O recife debalde escuta a vaga:
O ramo não comprehende a falla ao vento.
A quem se pune aqui? vosso caminho
Segui sem desejardes conhecer-vos.
Fragil recem-nascido, porventura
O criminoso és tu? és tu, ó morto,
O vivo porventura?

Nosso espirito é cheio d'eminencias;
Nossas idéas são e aureos sonhos,
São as nossas virtudes guarnecidas
De declivios, e as esp'ranças cedo erguidas.
A tão estranhos cumes procurâmos
Applicar a inflammada, aspera escada
Por onde os anjos sobem. Job em baixo
Está e Christo no alto.

Amâmos. Para quê? p'ra que soffremos?
Morrer prefiro e ir-me, ai, se prefiro!
Ide, pois, e escolhei vossos caminhos.
O ente pavoroso, emmudecendo
Nas profundezas do nocturno ceo,
Vê com austera e impassivel calma
Jorrar da boca da urna a onda livida
Dos miseros humanos.

Pensâmos. Mas depois? Rasteja, espirito!
Conserva os teus grilhões. Oh! quando, ás noites,
Entre os robres e as rochas d'olhos vagos
Divagaes, não sentis a horrida sombra,
Onde a vista immergis, ir recuando?
Conheceis porventura tão sómente
Sobre que rola o cogitar d'aquelles
Mysteriosos mudos?

Julgâmos. Cadafalsos levantâmos.
O homem mata e morre. O genero humano,
Turba d'erro vestida, audaz condemna,
Extermina, destroe e desparece,
Da forca o poste horrendo — ó luto! ó mágoa!
Ó demencia! — o bordão inseparavel
É d'este cego immenso que caminha
Por entre immensa noite.

Crime! Inferno! ó zenith tremendo, aonde
Remontam sem cessar os dozes Cesares,
Uns após outros, negros soes errantes!
Do fundo dos seus males infinitos,
Por sobre a sua fronte ameaçada,
O homem vê girar eternamente
Em seu ceo taciturno este zodiaco
De sangrentos tyrannos!

IV

Quatro mil annos ha que, oppresso d'odios,
Co'o resto dos grilhões cavando a tumba,
O solo revolvendo e esburacando
As alturas, procura em desespero
Evadir-se através da natureza;
O espirito forçado inda não póde
Uma fenda sequer abrir na abobada.
Do firmamento carcere.

Em balde o pensador em raptos funebres
Arremessa seu 'spirito de sombra
D'encontro ao tecto das espessas trevas;
Tomba e morre. Sua existencia é curta.
E na noite profunda que nos lega
Só ouvimos as phrases que em voz baixa
A gaga creação reza ao ouvido
Da surda sepultura.

Somos as gerações, somos as turbas,
Os viandantes somos. Tiritando,
Enregelados sôpros sobre a face
Sentimos. Somos o agitado abysmo.
Somos o que o ar atira ao vento
Co'a a ponta da aza. Os flocos argentados
Somos da neve eterna, volitando
Na eterna escuridade.

Para quem brilhas tu, risonha Venus?
P'ra onde rolas tu, Saturno? — Marcham:
Nada responde no ether taciturno.
Abandonado e nu o homem regela.
Trasborda a amplidão das ondas negras,
De horror repleta. O enigma teme o verbo,
E o infinito só parece apenas
Poder conter o incognito.

Noite sempre! jámais o azul, a aurora!
Caminhâmos, e um passo ainda não démos.
Inda sonhâmos o que Adão sonhava.
A creação, dos ventos açoitada,
Fluctua, foge. Na calada sombra
Nossa vista mortal apenas póde
Vislumbrar uma estatua immensuravel.
E bradâmos-lhe: Jehova!

J. Pinto Ribeiro Junior.

SOLHO OU ESTURJÃO DO MAR CASPIO

Depois d'essa classe de peixes a que a sciencia dá o nome geral de *squalus*, e que são verdadeiros monstros marinhos, é o solho um dos mais corpulentos habitantes do mar. Pelo menos é, sem dúvida, o maior peixe de carne saborosa e delicada que se cria nas aguas para alimento dos homens.

Especie ha de solho que chega a adquirir o comprimento de oito e nove metros, assumindo assim as proporções colossaes da maior parte dos esqualos, com os quaes tem alguma similhança nas fórmas exteriores, sem possuirem, todavia, a sua força muscular.

Tendo a carne mais mimosa e os musculos menos vigorosos, a sua força é incomparavelmente inferior á d'aquelles. A sua boca, em vez de ser guarnecida de muitas ordens de dentes mui grandes, agudissimos e ameaçadores, apenas apresenta algumas cartilagens mais ou menos endurecidas. Por esta razão não são os solhos inimigos temiveis, a não ser para os peixes desprovidos de defensa pela sua pequenez e estructura. Além d'isso, como se nutrem principalmente de vermes e pequenos molluscos, não sentem appetites violentos, do que resulta serem dotados de inclinações pacificas e habitos doces.

Extremamente fecundos, acham-se espalhados por todos os mares e por quasi todos os grandes rios, como outros tantos agentes pacificos de uma natureza creadora e conservadora, em contrario dos esqualos, que se podem chamar verdadeiros ministros de destruição.

Os solhos vivem no Oceano, no Mediterraneo, no Baltico, no mar Vermelho e no mar Caspio. Mas não passam toda a sua vida no meio das aguas salgadas, como succede á maior parte dos grandes peixes. Assim que a primavera começa a toucar as arvores de viçosa folhagem, a cobrir os prados de flores, a derramar sobre a terra e até no proprio seio dos mares o calor vivificante, que reanima em todos os animaes da creação o sentimento mais activo da vida, os solhos, impellidos pela necessidade de desovar e fecundar as suas ovas, penetram então em todos os grandes rios que desaguam nos mares por elles habitados.

O Volga, o Danubio, o Pó, o Garonna, o Rheno, o Elba e outros rios são muito frequentados pelos solhos. Ao nosso Tejo ainda vem alguns, mas é certo que em tempos antigos aqui affluiam em maior numero, e um se pescou de descommunal grandeza, como abaixo diremos.

Raras vezes entram em rios que não tenham muita largura e profundidade, ou seja porque n'elles encontrem mais facilmente ou em maior abundancia o alimento que preferem; ou seja porque, em razão da sua corpulencia, precisem de mais largo espaço para se moverem; ou, finalmente, porque, tendo bastante força nas barbatanas, e sobre tudo na cauda, embora muito inferior á dos esqualos, como acima observámos, folguem de luctar e vencer, nadando, as correntes rapidas e as ondas que umas sobre outras se amontoam. E não cause estranheza esta idéa, pois que é certo que todos os entes sentem de vez em quando a necessidade de exercerem em toda a sua plenitude o poder que lhes foi concedido.

Sendo os salmões os peixes mais da sua predilecção, quando os acham em abundancia em algum grande rio, ahi fazem a sua principal vivenda, e então adquirem proporções realmente gigantescas. Conta o celebre naturalista Plinio, que no seu tempo alguns solhos se pescaram no rio Pó, muito abundante de salmões, que chegaram a pesar mil libras.

Todavia, apesar de gostarem muito dos salmões, preferem a todo o peixe os molluscos e vermes que

se criam no meio do lodo e entre os limos das rochas proximo das praias. O feitio excessivamente agudo do focinho facilita-lhes essa caçada tanto do seu appetite.

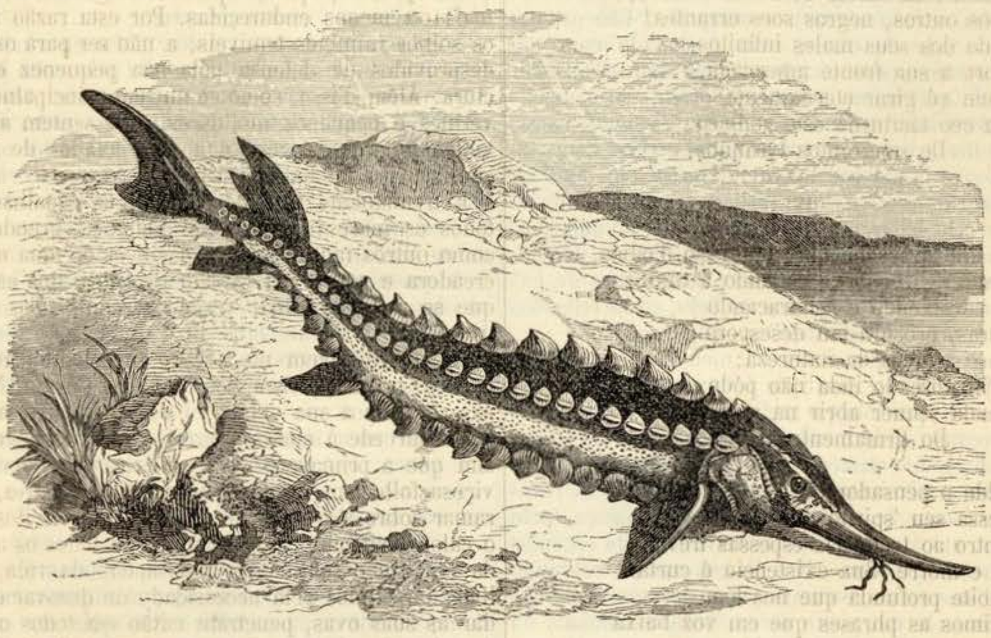
Dissemos que o solho é um dos peixes mais fecundos que ha nos mares. As suas immensas ovas, que elles depositam nos rios, produzem uma quantidade prodigiosa de peixes; porém, não obstante, em quasi todas as paragens que elles frequentam nota-se uma grande diminuição n'este apreciavel pescado. É razão d'isto a infatigavel perseguição que lhes movem os pescadores pelo avultado lucro que d'ahi tiram. O solho é um manjar tão delicado e saboroso, que em toda a parte é muito apreciado e pago com bom dinheiro.

Nos paizes onde mais abundam os solhos não sómente os consomem frescos, mas empregam diversos modos de preparação para os conservarem e poderem enviar para terras distantes: seccam-n'os ao fumeiro, salgam-n'os, fazem-n'os de escabeche ou preparados em azeite.

D'entre as differentes especies de solhos que attraem a attenção dos naturalistas, não só por suas fórmas, dimensões e habitos, mas tambem em razão do alimento agradavel e abundante que fornecem ao homem, e assim como pelas materias uteis que offerecem ás artes, mencionaremos duas: o *solho do mar Caspio*, que a nossa gravura representa, e o *solho commum*.

O primeiro, que a sciencia denomina *acipenser ruthenus*, vive no mar Caspio, no rio Volga, e tambem no Baltico, posto que n'este mar apparece em menor numero.

É esta especie uma das mais pequenas de corpo, pois que raras vezes chega a ter um metro de comprimento. É, porém, talvez a mais singular de todas pela exquisitice da fórma e dos accessorios, e pela variedade e viveza das côres.



Solho ou esturjão do mar Caspio

O feitio do focinho, que tem um comprimento tres a quatro vezes maior que o diametro da abertura da bocca, é o que distingue mais particularmente esta especie de todas as outras. Áparte esta feição, na fórma geral do corpo é muito parecido com o tubarão. Este, porém, tem o corpo liso, em quanto que o d'aquelle é guarnecido e armado, desde o começo da cabeça até á origem da cauda, de cinco filas de tuberculos, terminados em uma ponta ossea. Os da fila superior, que se estende ao longo do dorso, e os das duas filas inferiores, que correm por um e outro lado do ventre, são grandes e recurvados na ponta. Os das duas filas lateraes são mais pequenos, direitos e em maior numero. A cabeça é desprovida d'estas armas, mas em logar d'ellas revestiu-a a natureza de uma especie de couraça. Tem a bocca pequena, muito recolhida em relação ao focinho, e destituida de dentes, mas guarnecida de cartilagens duras que lh'os suprem. Da extremidade do queixo inferior pendem-lhe umas compridas barbas, compostas de tres ou quatro filamentos. Os olhos são pequenos e lateraes; as barbatanas grandes, singelas ou divididas em dois lobes, e dotadas de bastante força musculosa. A parte inferior do corpo é branca, levemente manchada de côr de rosa; e a superior é de um pardo escuro. Os tuberculos, que formam as cinco longas enfiadas, são de um vivo amarello. As barbatanas do peito, da extremidade do dorso e da cauda são de côr cinzenta; e as do ventre e do anus vermelhas.

Das ovas d'este peixe faz-se na Russia uma preparação com o nome de *caviar*, que é um manjar muito do gosto dos povos do norte da Europa, e que fornece ao commercio russiano um ramo importante de exportação.

Extrae-se da gordura e de outras partes do corpo d'este solho um colla excellente para concertar objectos de vidro ou porcellana, azeite e tambem uma especie de manteiga, de que fazem uso n'aquelles paizes para tempero da comida e para luzes. Da pelle do ventre, que é fina e transparente, mas de muita consistencia, servem-se como de vidro para tapar frestas, claraboias, etc. Da pelle das costas, que é mui grossa e rija, fazem calçado e tudo mais em que se emprega o coiro.

Na opinião do sabio naturalista francez Cuvier, era esta especie de solho a conhecida e muito estimada dos romanos, e da qual falla Plinio, não obstante não estar de accordo a grandeza que este lhe attribue com as proporções que presentemente se lhe conhecem. Os romanos, como é sabido, foram muito dados em todos os tempos aos prazeres da mesa; porém, quando o luxo corrompeu os costumes publicos, e a corrupção impelliu o imperio dos Cesares a passos precipitados para a sua ruina, aquella tendencia conver-

teu-se em execravel vicio. E a tal ponto este chegou, que se viu serem levados em procissão triumphal pelas ruas de Roma grandes solhos, collocados em cima de mesas magnificamente decoradas, e conduzidas, como andores, por ministros coroados de flores, precedidos de bandas de musica marcial, e seguidos de immenso acompanhamento. A cidade, que outr'ora por tantas vezes se ensoberbecêra, recebendo e applaudindo os triumphadores que iam levar ao Capitolio os tropbéos das victorias que tinham accrescentado ao imperio novas provincias e novos reinos; agora aviltada, escrava dos seus imperadores, e expiando sob as riquezas excessivas de uns, e a horrivel miseria de outros, os vicios e crimes de todos, assistia radiante de alegria ao vergonhoso espectaculo da procissão de um solho!

Quanto á especie que habita os nossos mares, e ás vezes entra no Tejo, deu-lhe Linneu o nome scientifico de *acipenser sturio*, que ainda hoje conserva. É simillhante na fórma ao que acabámos de descrever, porém com o focinho menos comprido. Não ostenta tanta variedade de côres, nem é armado com tão grandes e numerosos escudos, como são os taes tuberculos de que acima fallámos. Porém, em compensação d'esses adornos e armas de que foi mais avara, concedeu-lhe a natureza vulto muito maior. Esta circunstancia, e a de ser peixe do nosso rio, embora raro, foram os motivos que nos moveram a occuparmo-nos n'este logar do *acipenser sturio*, a que chamâmos *solho rei*, e com o fim especial de dar conhecimento ao nossos leitores de dois solhos de extraordinaria grandeza pescados no Tejo, casos referidos por alguns nossos historiadores antigos.

O primeiro de que achámos memoria foi pescado junto a Mugem, no dia 5 de fevereiro de 1321. Levaram-n'o os pescadores muito contentes aos paços das Alcaçovas, onde o offereceram a el-rei D. Diniz, que gratificou liberalmente aos que lhe trouxeram tão regio presente. Tinha o solho dezesete palmos de comprimento e sete de circunferencia. «Da cabeça, pelo espinhaço, até á cauda, lhe contavam trinta escamas como conchas grandes.» Isto diz um auctor, contando o caso. Estas trinta escamas eram dos taes tuberculos, terminando em ponta ossea, de que fallámos na descripção do *solho do mar Caspio*.

Mandou el-rei D. Diniz retratar o solho. O painel em que se via representado, com as proporções naturaes, este peixe colossal, foi depositado, por ordem do mesmo soberano, no real archivo da *Torre do Tombo*, onde permaneceu até 1 de novembro de 1755, em que se perdeu por occasião do terremoto, que derrocou a torre do castello de S. Jorge, em que se guardava o dito archivo, sepultando Lisboa em ruinas.

Por baixo do painel lia-se a seguinte inscripção: *No anno de* MCCCXXI *junto a Montalvão no Tejo se tomou um solho da grandeza que representa esta pintura, e pesou pelos pesos de Santarem* XVII *arrobas e meya, de que ha justificação n'este Arquivo, que nelle mandou lançar D. Diniz, a quem se prezentou, como consta da mesma justificação.*

Reinando D. João III pescou-se no Tejo outro grande solho, posto que não tão corpulento como o primeiro, pois que pesou nove arrobas.

Em tempos posteriores alguns appareceram, mas de muito menores dimensões. I. DE VILHENA BARBOSA.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Conclusão. Vid. pag. 334)

A minha estada em Carnide não era nem podia ser permanente. N'essa noite vim eu a Lisboa, disposto a voltar no dia seguinte para ao pé de Julia, cujo estado se tornava cada vez mais melindroso. A mãe não tinha animo nem consolações para lhe dar; era a primeira a succumbir ao golpe. Tomára eu sobre mim a cruz de enfermeiro, tomára-a voluntario, essa cruz santa que fere as espadoas, mas que tem aromas divinos. Eschylo, o terrivel poeta, quando um brando raio de lyrismo lhe aqueceu a alma titanica, poz na boca de Gilissa, a ama de Oreste, os mais sentidos versos que eu conheço. «Ninguem sabe o que é ser ama, dizia a pobre mulher chorando por aquelle que trouxera ao peito, e a quem dera o sangue e a vida; ninguem sabe o que são as noites de vigilias, os mil cuidados e os mil sobresaltos constantes. A criancinha chora, tem fome, tem frio, quer o conchego, os beijos que desregelam, a roupinha enxuta. Que se ha de fazer n'aquella edade? Oh! ser ama é ser mãe ao mesmo tempo.» E eu pensava n'isto, quando só, junto de Julia, attentava nos seus menores movimentos, e interrogava com o olhar o relogio, agora para lhe trazer o remedio, logo a colhér de caldo tepido, e que ella me agradecia com um volver de olhos ainda mais que com a palavra.

N'essa noite, como já disse, tinha eu vindo a Lisboa. Dormíra mal, e no outro dia pela volta das nove horas estava de pé e prompto para sair. Acabava de accender o meu cigarro quando me vieram dizer que estava á porta um sujeito que desejava fallar-me. Mandei-lhe que entrasse. Para que hei de agora buscar effeitos e colorir a narrativa? Esse homem era Pedro.

— É tarde? disse-me elle mal que entrou apertando-me nos braços.

O que então se passava dentro em mim não sei se se descreve, eu pelo menos é que não sei descrevel-o. Um tropel de sentimentos, de commoções diversas, me abalava, suffocando-me a voz; parecia sentir na garganta um nó que se me arrochava, e sabe Deus porque o sangue me subiu ao rosto, febril e desordenado. O meu silencio perturbou Pedro. Arredou-se um pouco, e com os braços descaídos e sem ousar erguer a vista até quem poderia condemnal-o, repetiu em voz sumida:

— É tarde?

— Nunca é tarde para o arrependimento.

— Quero vêl-a, meu amigo; acompanha-me, sim? Como hei de apparecer-lhe? Não quiz ter este ultimo remorso. Soube que definhava... por minha culpa, seja por minha culpa, e que a minha presença seria para ella o unico bem possivel. Vim, pobre Julia!... não sabe que ha anjos maus, que ha destinos, que ha abysmos enormes. É Deus que ha de julgar estas coisas... vamos.

Quando chegámos a Carnide disse a Pedro que ficasse em um gabinete proximo ao quarto de Julia. Apparecer-lhe de chofre sabía eu que sería matal-a. Entrei só.

— Que tem, que o estranho? perguntou-me ella apenas me cheguei ao leito e lhe peguei na mão para a beijar; nunca o vi como hoje. Está doente?... diga, bem vê que me afflige.

— Não, minha senhora, não tenho nada... queria, porém, dizer-lhe uma coisa, prevenil-a, preparal-a para uma nova...

— Boa?

— Boa nova.

— Ai, Deus, que boas novas me restam? Não sabe que Pedro não virá por estes dias, e que a minha vida foge de hora a hora?...

— E se viesse?

— O quê?...

— Se estivesse tão perto...

— Onde?...

— Que a uma palavra só...

— Eu o podesse abraçar?

— Sim.

— Oh! venha, venha!

A porta abriu-se, e Pedro caíu soluçando nos braços que ella lhe estendia radiante de felicidade.

Ninguem a conhecêra n'aquella hora. A lividez das faces havia-lhe desapparecido por encanto, um leve rubor lhe purpureava o rosto, e os olhos, até alli cançados e baços, resplandeciam como duas centelhas. Era outra. Apertava ao seio a fronte do marido, e perguntava-lhe com o carinho de quem o tivesse abraçado ainda na vespera:

— Por que tardaste tanto, Pedro?

Elle respondia-lhe com um perdão supplicante e frouxo, que não sei se os anjos ouviram no ceo, mas que ella recolheu dentro d'alma.

— Quasi que tinha perdido a esperança, continuou após um momento; sonhára que virias, e duvidava que viesses. Pedro, Pedro, como tu me fazes bem agora, como eu t'o agradeço!... Dás-me a vida, dás-m'a; que eu já me sinto capaz de levantar-me, de tornar a ver o sol comtigo... Por que não olhas para mim?... Eu quero ver-te muito, muito, levar-te aqui bem gravado na memoria... no coração, Pedro.

Aquelle excesso de jubilo prostrára-a; pouco a pouco os olhos foram-se-lhe cerrando, os braços destenderam-se-lhe, e uma especie de syncope a tomou por horas. Parecia adormecida. A respiração, serena e pausada, transpirava-lhe dos labios de envolta com um sorriso.

No outro dia quiz que a ajudassem a vestir. Achava-se boa, inteiramente boa; disse só que as pernas lhe fraqueavam um pouco. Pediu-me a mim e a Pedro que lhe dessemos o braço, e que a levassemos para junto da janella. O ceo estava azul, e o sol entrava em jorros pela casa dentro.

— Que bonito que está o dia! nunca pensei tornar a vêl-o. Olha, Pedro, conheces aquella acacia? ainda é a mesma.

Aqui parou, e poz-se a contemplar o marido com uma expressão de amor e de desgosto. Depois continuou:

— Faz dois annos, quasi dois annos que nos casámos... Como o tempo passa!... como passa tudo!... Lembra-se? proseguiu voltando-se para mim; estava alli sentada quando entrou com Pedro... Como a tarde correu, e como outras correram!... A fortuna é breve, pintam-n'a com os pés sobre uma roda, não é verdade? Ai, roda, quem te podesse travar! Desculpem-me se os aborreço; em que hei de eu fallar agora? Não, não, illudimo-nos uma hora, mas não nos podêmos illudir sempre. Vê tu, Pedro, julgas que eu possa viver?... Se o podesse!...

E agarrando as mãos do marido, deixou-se estar muito tempo devorando-o com o olhar, embebida, suspensa, absorta, e só vivendo para se saciar d'aquelle jubilo, d'aquella ventura por que ha tanto suspirava.

A mãe chegou a nutrir esperanças de melhoras; eu nunca. Sabia bem que aquelles alentos momentaneos mais lhe abreviariam as horas. Aquillo era um emprestimo de vida, forçado e custoso. Dois dias depois já não pôde deixar o leito; o medico asseverava que o padecer não seria longo. Pedro nem um momento lhe abandonava a cabeceira. Era tardia a paga; seria acaso sincera? Nem uma unica vez da boca de Julia saíra uma palavra, um dito de recriminação: a delicadeza da sua alma até se lhe revelava no soffrimento. Correram mais tres dias, e o mal caminhava. Este caminhar incessante manifestava-se pela prostração de forças, pelo enfraquecimento gradual, por um amortecer lento e sem agonia. Como as marés, quando enchem, vão manso e manso cobrindo agora as areias das margens, logo a relva que as borda, até chegarem a afogar as orlas por que se espraiam, assim tambem a enfermidade, subindo, ia, sem rumor nem esforço, cobrindo e afogando aquella existencia adoravel.

Era um sabbado; Julia tinha acordado mais reanimada e contente. Pediu que a tirassem do leito, para que a deixassem ver o ceo. Eu estava lá sentado a um lado d'ella, do outro estava Pedro, e a mãe, n'um banquinho aos seus pés, aquecia-lhe as mãos com o bafo, como se faz a uma criança. Eram tres horas da tarde, a natureza estava silenciosa, e umas nuvens brancas corriam pelos horisontes fóra. Como tenho tudo gravado no pensamento! De repente, Julia, como se uma mola a impellisse, indireitou-se na poltrona, e estendendo os braços para o marido:

— Pedro, exclamou com um soluço, como eu tenho pena em deixar-te!

Depois caíu, suffocada em lagrimas, e com um sumido estertor que lhe resfolgava da garganta. Amparámos aquelle corpo já sem acordo, devorámos com o olhar aquelle semblante desfeito, tentámos reanimar aquella pomba sem vida. Tudo baldado. Como a luz de uma lampada se extingue, assim aquella existencia se evaporára, soltando o ultimo clarão n'um brado, n'uma effusão lamentosa. Estava morta. Será preciso accrescentar mais a estas palavras?

No outro dia aquelle corpo descia á terra, e o coveiro resmungava por entre os dentes, batendo a gleba com a enxada. Lembrei-me de Ophelia, pobre Julia, e lembrei-me tambem d'aquella tarde em que me apertára a mão, e em que eu fugira receioso ao calor das suas lagrimas. Por que me viria alli tal pensamento?

Tres semanas depois procurou-me Pedro.

— Venho despedir-me, meu amigo.

— Por quê, parte?

— Parto.

— Vae então...

— Para Trancoso.

— Ainda essa fatalidade o opprime?

— Ainda, não duvide. O que eu tenho passado n'estes dias ninguem o sabe, ninguem o suspeita. Estava ao pé d'ella, compungido, triste, com o chôro nos olhos, e n'esse pranto reflectia-se outra imagem que me fazia esquecer tudo, tudo.

— Não diga!...

— Horroriso-o?

— Não sei, espanta-me.

— Ai, meu amigo, quando me ponho a scismar no que fui e no que sou, no que fiz e no que faço, no que era a minha alma e no que é agora, desconheço-me eu proprio. A fatalidade é uma transfiguração, creia... olhe que já não sou Pedro!

Quando me disse isto apertou-me a mão e meneou a cabeça tristemente. Alvejavam-lhe n'ella os gêlos que sempre descem quando as noites do espirito se condensam.

E. A. Vidal.

CIDADE DE COIMBRA

(Conclusão. Vid. pag. 332)

É Coimbra uma das nossas cidades que encerram maior numero e variedade de monumentos de antiguidade, tanto historicos como artisticos. Além dos que deixámos indicados entre os edificios religiosos e os da universidade, mencionaremos os restos das muralhas que cingiram Coimbra: o *arco de Almedina*, outr'ora porta d'aquella cêrca [1]; as reliquias do *castello* que ficou celebre nos annaes de Portugal pela heroica defesa de Martim de Freitas; as ruinas da *egreja e convento de Santa Clara*, fundação da rainha Santa Isabel, e sua principal residencia depois de viuva; a *fonte dos Amores* e outras memorias da desditosa D. Ignez de Castro na *quinta das Lagrimas*, onde vivia [2];

[1] Brevemente publicaremos ácerca d'este arco um curioso artigo do sr. Simões de Castro.

[2] Vid. pag. 289 do vol III.

o *paço de D. Maria Telles*, irmã da rainha D. Leonor Telles, memoravel pelo drama que n'elle se realisou [1], e digno de attenção pelos ornamentos que ainda decoram as suas paredes; e, finalmente, a grande ponte que atravessa o Mondego, e dá passagem á estrada real que conduz de Lisboa a Coimbra e ao norte do reino.

A *ponte*, muito extensa e de mui solida construcção, foi mandada fazer, por ordem del-rei D. Manuel, sobre outra fundada por el-rei D. Affonso Henriques, e inteiramente soterrada pelas areias do rio. A del-rei D. Manuel, apesar de ter sido fabricada com bastante capacidade para que quaesquer barcos do Mondego podessem passar á vela por baixo dos seus arcos, acha-se por tal modo enterrada nas areias pela successiva elevação do leito do rio, que poucos arcos permittem a passagem dos barcos, sendo preciso para esta operação que se arreiem as velas e os proprios barqueiros se curvem. Ha já algum tempo que se projecta a construcção de uma nova ponte pensil, que de anno para anno se torna cada vez mais necessaria, e até urgente, porque de um momento para o outro póde ficar inteiramente interrompida a navegação pela infinita quantidade de areias que as chuvas trazem dos montes para o rio.

Aquella ponte, pela sua extensão, pavimento plano e formosissimos panoramas que d'ella se desfructam, é um dos mais lindos passeios da cidade, conjunctamente com o bello caes arborisado e guarnecido de varanda de ferro sobre o rio, com suas escadas de cantaria de distancia em distancia.

Outra ponte, de menor comprimento, mas não pequena, chamada de *Aguas de Maia*, por estar lançada sobre o ribeiro d'este nome, dá saída da cidade para a estrada que vae ao Porto e outras terras do norte do paiz, e tambem para a estação do caminho de ferro.

Tem Coimbra na sua praça maior, denominada *Praça* por antonomasia, um grande mercado diario, muito abundante de frutas, hortaliças, aves e mais vitualhas, pois que é terra muito mimosa dos melhores fructos e carnes que se criam no reino, e tambem de pescado do rio, que produz excellentes lampreias e outros peixes, e do mar, que alli trazem da villa da Figueira, povoação de numerosos pescadores por ficar junto á foz do Mondego, a trinta e cinco kilometros de Coimbra.

No *largo da Feira*, na cidade alta, faz-se mercado semanal, ás terças feiras, tambem dos mesmos generos que concorrem ao da *Praça*. Porém, como não ha na cidade edificio construido expressamente para mercado publico, vae a camara municipal reparar essa falta, erigindo um com as condições hygienicas e de aceio que hoje se requerem. O novo mercado, que, segundo cremos, já se acha em construcção, occupará uma parte da antiga horta do mosteiro de Santa Cruz, que, depois da extincção das ordens religiosas, foi transformada em terreiro publico.

Coimbra tem tido n'estes ultimos dez annos consideraveis melhoramentos na limpeza, calcetamento ou macadamisação das ruas; na illuminação publica, feita por gaz, cuja fabrica se acha estabelecida na rua da Sophia; na continuação da bella obra do caes e encanamento do Mondego; na plantação de arvores em diversos logares do interior da cidade e nas estradas que dão saída para os arrabaldes; na fundação de novas e muito melhores hospedarias e de estabelecimentos de carruagens de aluguel, etc.

Em formosura e amenidade de arrabaldes, que povoação do reino poderá competir com a cidade de Coimbra? Os campos viçosissimos por onde corre o Mondego, cobertos aqui de pomares de laranja e de outras frutas, alli ostentando outras diversidades de cultura com que se matizam em todo o anno de variados verdores; aquelle rio, cortando esses campos em voltas de cobra, volvendo suas limpidas aguas sobre alveo de brancas e finas areias, que umas vezes se levantam como ilhas do meio da corrente, e outras vezes, encostando-se ás margens, formam praias em que brandas ondas se espreguiçam docemente; as margens assombradas de bastos salgueiraes e outros arvoredos; as collinas d'além do rio, e os montes e valles d'áquem, sempre verdejantes, ora vestidos de densos bosques, ora servindo de assento a casas de campo ou a algum grande edificio religioso, taes como os conventos de *Santa Clara* e de *S. Francisco*, de *Cellas* e de *Santo Antonio dos Olivaes;* em fim, as fontes e os regatos que por toda a parte rebentam e correm, são feições variadissimas com que em torno da cidade se compõem e se multiplicam os quadros da natureza.

São tantos os sitios encantadores dos suburbios de Coimbra, que não cabe aqui fallarmos de todos. Mencionaremos apenas dois, ambos deliciosos, um consagrado por um desditoso e real amante á recordação dos seus mallogrados amores; o outro dedicado pela poesia do sentimento a um dos mais nobres exercicios da nossa alma. Chamam-se esses dois sitios *Penedo da Saudade* e *Penedo da Meditação.*

Na margem esquerda do rio, ao sair da ponte, está o *burgo de Santa Clara.* Alli se vêem as ruinas do antigo mosteiro da rainha Santa Isabel, que o Mondego, com o correr do tempo e com o impeto das suas cheias, foi destruindo e cobrindo de areias. Proximo d'estas venerandas reliquias está o vasto *Rocio de Santa Clara*, plantado de arvores, e onde se faz annualmente, no dia 4 de julho, uma feira muito concorrida. Perto d'elle, na raiz do visinho monte, eleva-se o grande edificio do extincto *convento de S. Francisco*, que é a terceira fundação, emprehendida em 1602, e por cima, na coroa do mesmo monte, campeia o novo convento das freiras de Santa Clara, fundação dos reis D. João IV e D. Pedro II. No altar-mór da sua bella e espaçosa egreja venera-se o corpo incorrupto da rainha santa, encerrado em soberbo mausoléo de prata; e no côro debaixo vê-se, através das suas largas grades, o antigo e magnifico tumulo que primeiro guardou aquelle precioso deposito. É todo de marmore. Tem sobre a tampa a estatua da soberana, deitada; em volta da caixa as figuras da Virgem e dos apostolos, mettidas em nichos, e todo o resto litteralmente coberto de esculpturas, representando silvados, folhagens e arabescos.

Os arrabaldes de Coimbra produzem muitos cereaes, legumes, batatas, diversidade de hortaliças e frutas, linho, azeite e algum vinho. Cria-se n'elles bastante gado de differentes especies, e abundam em caça.

A população da cidade excede a treze mil almas. Além da feira do *Rocio de Santa Clara*, fazem-se mais as feiras annuaes, na cidade a 24 de agosto, e no *campo de Coimbra* em 21 de setembro. No dia 22 de cada mez ha na cidade mercado, ao qual concorrem muita gente e muitos generos.

Coimbra foi berço de muitos filhos que se illustraram nas armas, nas letras, na politica, e, finalmente, na pratica de todas as virtudes christãs. Pois que os seus nomes constituem um catalogo mui longo, especificaremos sómente o de um distincto poeta que tanto honra a litteratura patria: é Francisco de Sá de Miranda.

As duas vistas de Coimbra, que publicámos a pag. 257 e 281, são cópias de duas photographias. Na primeira vêem-se, em baixo a ponte do Mondego, e no alto os edificios da universidade e a sé nova. Na segunda avulta a torre dos sinos do mosteiro de Santa Cruz, edificada sobre a antiga torre que D. Affonso Henriques construiu para defensa do mosteiro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Vid. pag. 89 do vol. VIII.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio